

HERMANN LAUTENSACH  
E A GEOGRAFIA DA PENÍNSULA IBÉRICA

Apareceu há pouco uma volumosa Geografia da Península Ibérica <sup>(1)</sup>, devida a um dos mais conceituados geógrafos alemães, considerado também entre os primeiros especialistas mundiais de Geografia regional. A propósito deste livro, vão delinear-se alguns traços da personalidade científica do autor nas relações com um dos seus mais importantes temas de trabalho.

Iniciada a carreira de geógrafo com uma tese de doutoramento sobre um assunto de morfologia glaciária alpina, dentro dos critérios da escola de A. PENK, depois de alguns anos de ensino secundário e de uma obra de divulgação importante, concebida como uma espécie de comentário ao *Atlas* mundial de STIELLER, LAUTENSACH escolheu a Península Ibérica para aprofundar o seu *Forschungsleben*. Atraído por facilidades de família que tinha em Lisboa, aqui veio, pela primeira vez, em 1927, começando nesse ano a reunir materiais para a Geografia de Portugal mais desenvolvida e mais completa que até hoje se publicou <sup>(2)</sup>. A tradição universitária alemã considerava que o candidato a professor «ordinário» deveria apresentar, como título principal, uma obra importante sobre um país ou região distante. Este trabalho de grande fôlego foi precedido de vários estudos monográficos, especialmente de Geomorfologia; um dos primeiros, sobre o litoral, serviu-lhe de tese de habilitação à docência universitária (1928), que havia de exercer, sucessivamente, nas Universidades de Giessen e de Greifswald e na Escola Superior Técnica de Stuttgart. O conjunto de estudos sobre vestígios da acção do gelo na Serra da Estrela e o ambiente da época glaciária conservam plena actualidade, embora tivessem de abandonar-se as suas sugestivas

<sup>(1)</sup> *Iberische Halbinsel*, München, 1964, 700 pp. e um atlas em carteira.

<sup>(2)</sup> *Portugal auf Grund eigener Reisen und der Literatur*, t. I, 187 pp., t. II, 166 pp., Gotha, 1932 e 1937, com muitos mapas e fig.

interpretações, por efeito de deformação recente, de alguns terraços e praias quaternárias do Norte de Portugal. Nessa mesma altura escrevia um denso e lúcido ensaio em que colocava a «figura geográfica» de Portugal no «quadro» da Península a que pertence, aceitando e desenvolvendo a ideia duma forte individualidade, enunciada, embora em termos imprecisos, por E. RECLUS, TH. FISCHER e SILVA TELLES.

Em quase todos os aspectos da geografia de Portugal fez obra de pioneiro, reconhecendo as grandes unidades e acidentadas do relevo, a sucessão dos tipos de tempo, o entrecruzar de influências mediterrâneas e euriatlânticas na fisionomia do manto vegetal, a formação e complexidade de aspectos da «paisagem cultural», os traços marcantes da vida económica. Embora com um claro conceito da Geografia, LAUTENSACH não hesita em explorar temas que se situam nas fronteiras desta ciência. Por exemplo: procura apoio à hipótese de STAUB duma «culminação principal» no maciço antigo ibérico na seriação de jazigos de segregação magmática, constituídos em profundidades progressivas no interior da crosta, e colocados perto da superfície nas áreas solevadas — por isso mais erodidas — e supõe ver, em «deformações» de terraços do Minho, um jogo persistente dessa remota tendência tectónica; preocupa-se, através dum estudo de conjunto dos nomes de lugar, que nenhum filólogo nem antes tentara nem depois retomou, discernir influências de civilização (contraste entre o germanismo do Noroeste e o arabismo do Sul) e fases da ocupação e organização da terra. A cuidadosa utilização do mapa a 1:100.000 (ao tempo o único existente para todo o país) e de dados estatísticos, a implantação espacial de observações pessoais e elementos esparsos em centenas de livros que consultou, levaram-no a elaborar a rica série de mapas que ilustra o 1.º volume da sua grande obra; o próprio título completo explicitou a atitude do autor: *Portugal, baseado nas próprias viagens e na bibliografia* (3). Insensivelmente e desde o início das suas pesquisas em Portugal, LAUTENSACH alargou a curiosidade indagadora a toda a Península, embora com menor intensidade; e assim pôde encarregar-se de tratar Espanha e Portugal na parte regional do grande *Manual de Ciência Geográfica* dirigida por F. KLUTE (1931).

O propósito de comparar as duas penínsulas subtropicais, nas extremidades do Velho Mundo, levou-o a empreender um estudo completo da Coreia (4), numa viagem que a duração, o desconforto, e até o risco, permitem considerar como autêntica «exploração» no sentido das grandes expedições geográficas do passado. A intenção comparativa, enriquecida com a experiência e a mais escrupulosa informação bibliográfica, deu a LAUTENSACH, por um lado, a posição de principal especialista de duas regiões tão distantes e tão diversas; conduziu-o, por outro, a elaborar uma sistemática da Geografia Regional (5), baseada num conceito original que adiante será referido.

(3) O autor utilizou o mesmo subtítulo no livro acerca da Coreia.

(4) *Korea. Ein Landeskunde auf Grund eigener Reisen und der Literatur*, Leipzig, 1945, 542 pp., fig. e mapas.

(5) *Der Geographische Formenwandel. Studien zur Landschaftssystematik*, Bonn, 1953, 191 pp.

Em sucessivas viagens por Espanha, LAUTENSACH completou o conhecimento da Península Ibérica, que é hoje muito equilibrado em todas as suas partes. O aprofundamento destas pesquisas assumiu por vezes carácter muito original, como no livro que a seguir se refere. Partindo das repercussões antropogeográficas do contacto com Árabes e Berberes, tentou o autor a única obra de conjunto, onde, desde a densidade da toponímia à estrutura urbana e à economia rural, se estudam os *traços mouros na imagem geográfica da Península Ibérica* (6), «capítulo extremamente atraente da Geografia regional ibérica», partindo da observação e do actual, mas socorrendo-se de textos e monumentos, com larga abertura para a história da civilização peninsular. Mercê desta e doutras investigações complementares e da informação bibliográfica exaustiva, co-rodando uma fecunda actividade de «professor emérito» e quarenta anos de estudos ibéricos, apareceu o livro que deve considerar-se, enquanto à *Geografia de España y Portugal* dirigida por MANUEL DE TERÁN não estiver acabada, como a mais importante obra de conjunto acerca da Península Ibérica que até hoje se escreveu. Graças ao espírito minucioso e sistemático do autor, à sua formação clássica de geógrafo «completo» ao serviço duma curiosidade muito vasta e esclarecida, à densidade de factos acumulados e elaborados e às ideias pessoais em tantos capítulos da parte geral e da parte regional, este livro ficará como um marco na evolução do conhecimento geográfico desta área. Aparecido na colecção de *Manuais Geográficos* fundada por F. RATZEL e A. PENK e hoje dirigida por LAUTENSACH, insere-se assim na melhor tradição da geografia germânica e exemplifica o contributo dela, superior ao de qualquer das outras grandes escolas nacionais, para o conhecimento de países diferentes e de lugares distantes.

Com a experiência pessoal de regiões muito diversas e amplas leituras orientadas, LAUTENSACH elaborou uma metodologia própria, a que deu o nome de «sequência das formas geográficas», baseada na análise de quatro «componentes»: periférico-centrais, planetárias ou zonais, leste-oeste e hipsográficas. Tanto a preocupação sistemática como o contributo pessoal colocam-no na posição de um dos mestres actuais (e por certo um dos últimos cultores a este nível) da Geografia Regional.

Segundo a tradição alemã, um estudo desta índole é uma verdadeira enciclopédia de conhecimentos geográficos e exige do autor a capacidade de dominar os mais variados assuntos, desde os tipos de tempo à vida rural, desde a tectónica à estrutura das cidades. É impossível condensar a matéria contida neste grosso volume, que brevemente será publicado em tradução espanhola. Duas partes: geral e regional, aproximadamente da mesma dimensão, tal como nos livros acerca de Portugal e da Coreia. Na primeira estudam-se, em 12 capítulos, o território e o seu conhecimento, o território e a sua ordenação, o clima, as águas, a origem das formas de relevo, o manto vegetal espontâneo e subespontâneo, o desenvolvimento da paisagem cultural, as formas de civilização,

(6) *Maurische Züge im geographischen Bild der Iberischen Halbinsel*, Bonn, 1960, 98 pp mapas e fig.

a economia e o comércio, a população, os estados. Em quase todos os capítulos o autor tentou uma sistematização original dos materiais utilizados, indo muito além deles, mesmo em matérias «marginais» da Geografia, tal como se exemplificou acerca de Portugal. Na parte regional consideram-se 27 regiões, agrupadas em dois conjuntos desiguais: «Ibéria sempre húmida, Ibéria de Verão seco». Dentro dum conceito «naturalista» da Geografia, dá tanto relevo a esta oposição climática que separa o Norte da Galiza do resto desta região tradicional; a Ibéria húmida é assim uma faixa «planetária» ou zonal, que abrange, no sentido leste-oeste, a maior largura da Península. De acordo com a ideia expressa desde os primeiros trabalhos de assunto português, LAUTENSACH aceita a individualidade da «Periferia Ocidental» e faz coincidir os limites dela com os da fronteira portuguesa, a que apenas acrescenta o Sul da Galiza, não compreendido na «Ibéria sempre húmida». Este conceito é discutível e de certo modo contraditório com os limites «naturais» geralmente adoptados para outras regiões. Tal como na Geografia de Portugal, a segunda parte não tem a vigorosa estrutura da primeira, uma ou outra vez enumera traços físicos e humanos nem sempre integrados em harmoniosa descrição.

Um «atlas temático» condensa e elabora dados essenciais e constitui a melhor expressão cartográfica (hábilmente conseguida sem o emprego de cores) dos aspectos naturais e culturais da Península: ao todo 49 folhas de mapas, cortes, diagramas, plantas, rigorosamente correspondentes à sistematização da parte geral da obra. Ao leitor português importa este «enquadramento», a ter em conta como exemplo na elaboração futura dum atlas de Portugal.

Num dos próximos números desta revista far-se-á uma resenha extensa do que o livro traz de novo para a geografia portuguesa. Obra de minúcia e rigor, é, ao mesmo tempo, uma «defesa e ilustração» dos métodos clássicos da Geografia integral: dentro dum espaço terrestre, reflectindo a influência de vários componentes, os factos de natureza e de civilização ordenam-se e entrelaçam-se e as «complexas realidades» que daí resultam constituem material susceptível dum tratamento científico sistemático e aprofundado. A obra mostra o valor duma escola e coroa, de modo muito notável, uma operosa carreira inteiramente dedicada à investigação geográfica.

*ORLANDO RIBEIRO*